

O primeiro contato da criança indígena Terena com a escolarização na Aldeia Buriti em Mato Grosso do Sul

Terena child indigenous first contact with schooling in Aldeia Buriti in Mato Grosso do Sul

Edineide Bernardo Farias¹; Heitor Queiroz de Medeiros².

Resumo

O presente artigo é parte dos resultados da dissertação de mestrado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica Dom Bosco cuja pesquisa foi desenvolvida na Escola Municipal Indígena Alexina Rosa Figueredo, na Aldeia Indígena Buriti, da etnia Terena, localizada no município de Dois Irmãos do Buriti, em Mato Grosso do Sul. O objetivo foi descrever os impactos sofridos pela criança indígena Terena no primeiro contato escolar, analisando o diálogo estabelecido entre os saberes tradicionais familiares e os novos saberes da educação escolar indígena. A produção de dados se ancorou no método etnográfico sendo que os resultados da pesquisa demonstram que a criança indígena Terena aprende brincando, principalmente os saberes da cultura tradicional do povo e que a escola tem sido um lugar de significativa aprendizagem dos conhecimentos do mundo ocidental para essas crianças.

Abstract

The present article is result of the master dissertation developed on the Education Post Graduation Program in University Católica Dom Bosco. The research was developed in the municipal indigenous school Alexina Rosa Figueredo, in Aldeia Buriti, of Terena ethnic, located in Dois Irmãos do Buriti city, in Mato Grosso do Sul. The objective was to describe the impact on the indigenous Terena child on first school contact, analyzing the dialogue established among the traditional familiar knowledge and the indigenous school education. The data production was anchored on the ethnographic method. The results of the research demonstrate that the Terena indigenous child learn playing, specially the traditional culture of people and that school has been a place of a significative learning of knowledge of western world for this children.

Palavras-Chave: Educação Escolar Indígena. Crianças Indígena Terena. Aldeia Buriti. Mato Grosso do Sul.

Keywords: Indigenous Education School. Terena Indigenous Child. Aldeia Buriti. Mato Grosso do Sul.

¹ Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Professora Indígena da Etnia Terena na Escola Municipal Indígena Alexina Rosa Figueredo, Aldeia Buriti, Município de Dois Irmãos do Buriti, Mato Grosso do Sul (MS) - edineide.bernardo@yahoo.com.br

² Doutor em Ciências – Ecologia e Recursos Naturais pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professor no Programa de Pós-Graduação em Educação (Mestrado e Doutorado) da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) – Campo Grande (MS) – heitor.medeiros@ucdb.br

Introdução

Este artigo é parte dos resultados da dissertação de mestrado desenvolvida no Programa de Pós- Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), vinculada à linha de pesquisa ‘Diversidade Cultural e Educação Indígena’, com foco no primeiro contato da criança indígena, a partir do momento em que ela passa a ser inserida na pré-escola, iniciando a sua vida escolar.

A pesquisa foi realizada na aldeia indígena Buriti, Terra Indígena Buriti, no município de Dois Irmãos do Buriti, localizada a aproximadamente 90 km a sudoeste de Campo Grande, capital do Estado de Mato Grosso do Sul, com uma área delimitada de 2.090 hectares subdividida em nove aldeias, abrangendo terras dos Municípios de Dois Irmãos do Buriti e de Sidrolândia.

A aldeia possui duas escolas: a Escola Municipal Indígena Alexina Rosa Figueredo, onde foi desenvolvida a pesquisa de campo, mantida pelo município de Dois Irmãos do Buriti e que atende alunos da pré-escola, séries iniciais e ensino fundamental e a Escola Estadual Indígena Natividade Alcântara Marques mantida pela Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso do Sul, tendo como público alunos do Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA).

A pesquisa teve como objetivo descrever como as crianças Terena, da Aldeia Buriti, transitam entre os saberes da educação escolar e os conhecimentos tradicionais Terena no seu primeiro contato escolar.

A metodologia se fundamentou na abordagem qualitativa, através do método etnográfico que segundo Lévi-Strauss (2005) consiste na observação e na análise dos grupos humanos em suas particularidades, a fim de reconstituir fielmente a vida de cada um deles, tendo sido realizado também entrevistas dialogadas com professores, anciãos da comunidade, mães de alunos da pré-escola, além das próprias crianças da pré-escola, buscando com isso adentrar no mundo da criança Terena.

A educação escolar indígena é amparada pela legislação brasileira, tanto na Constituição Federal de 1988, bem como em instrumentos normativos, como o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas, de 1998, e também através de deliberações do Conselho Nacional de Educação, como a Resolução nº 5,

de 17 de dezembro de 2009, que fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, da Resolução nº 4, de 13 de julho de 2010, que define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica, e da Resolução nº 7, de 14 de dezembro de 2010, que fixa Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de nove anos.

O direito à Educação Escolar Indígena também foi contemplado no Plano Nacional de Educação (PNE), instituído pela Lei nº 10.172/2001.

1. Criança Terena da Aldeia Buriti

A criança Terena está sempre ocupando diversos espaços dentro da comunidade, como a convivência no ambiente familiar, reuniões de pais na escola, reuniões do conselho tribal, no jogo de futebol, nos rituais de pajelança e em outros espaços. Os lugares ocupados pelas crianças indígenas dentro da comunidade acabam sendo sempre espaços significativos, como viver o coletivo e construir pensamentos com o outro.

Para a criança indígena Terena da Aldeia Buriti a comunidade é um lugar onde se sente bem e feliz em viver, tem a liberdade de frequentar os espaços já citados acima, enfim, onde ela se sente segura.

A educação da criança Terena não é atribuída apenas aos pais biológicos, mas a toda comunidade, portanto todos fazem parte da construção da educação da criança. Ela é ensinada dentro do contexto familiar, pois estabelece uma relação muito próxima do adulto, através do diálogo, sabendo que a pessoa com um papel muito importante na vida da criança é a mãe, com a qual estabelece total relação, desde a gestação até a vida adulta.

Brostolin e Cruz (2011 p. 167) afirmam que:

[...] a família tem uma função muito importante na educação das crianças, especialmente a mãe que constitui laços afetivos significativos. Esta família, que hoje não é mais numerosa, é a primeira responsável pela formação cultural, afetiva e pelas iniciativas pelo trabalho.

É muito interessante frisar a importância da presença de uma criança indígena Terena dentro do contexto familiar onde ela assume um papel muito importante, pois auxiliam nas pequenas ajudas ao pai e também à mãe, como ir buscar algo na casa de alguém, emprestar alguma coisa.

Uma cena observada e que muito chamou atenção durante a pesquisa de campo foi o fado de um menino que, quando percebeu que o sol já ia se por, lembrou-se de guardar lenha para acender fogo no fogão à lenha, na manhã seguinte, para preparar as refeições. Isso surpreendeu a todos da família, que ficaram admirados com o gesto da criança.

Os limites da criança ocorrem durante o dia todo, até mesmo quando ainda bebês: devem tomar banho antes do sol se pôr, até que comece a andar sozinha e não mais somente carregada no colo da mãe, caso contrário, segundo os saberes dos anciões, ela vai chorar todos os dias, nos mesmos horários no fim de tarde, até que o seu corpo e sua alma enfraqueçam, podendo morrer desta forma.

Através da construção de conhecimentos próprios, a criança indígena Terena da aldeia Buriti vive a cultura Terena e, assim, adquire a educação indígena no contexto familiar.

A oralidade é uma das formas mais presentes no contexto da criança da aldeia, pois é a principal forma de transmissão de conhecimentos e de novos saberes. Assim ela aprende na convivência com um adulto.

As famílias indígenas Terena acreditam que é muito bom quando a criança aprende a falar e usar as palavras corretas, mesmo fora do tempo determinado e possuem diversas técnicas para que isso aconteça, como por exemplo, orientam para que o bebê abra a boca e estouram uma determinada semente dentro, conhecida como “pimentinha” e com esse procedimento logo a criança começa a falar.

O momento em que a criança mais adquire aprendizagem é no período da manhã, quando os anciões tomam o ‘mate’, que é uma bebida quente consumida pelos indígenas Terena da aldeia Buriti, geralmente no período da manhã em volta de um fogão à lenha. Este fogão se localiza sempre dentro da cozinha, e esta, por sua vez, é construída fora do corpo da casa, coberta de sapé, que é uma espécie de capim

usado pelos indígenas Terena para fazer cobertura de casas tradicionais e também o ‘bacuri’, que os Terena da aldeia Buriti considera a parte mais aconchegante da moradia. Esse é um momento muito respeitado, sendo para o universo da infância indígena muito rico em aprendizagens culturais, ouvindo dos mais velhos as histórias Terena do plantio da roça, da cosmovisão, quando as crianças também participam e aprendem desde cedo o modo de ser Terena.

Para a criança Terena, brincar é necessário e a maioria das crianças mencionou isso em suas falas, durante as entrevistas. Elas sabem das diferenças entre elas, mas, ao mesmo tempo, sentem-se incluídas no meio de outras crianças, com suas diferenças. Mesmo nas brincadeiras uma respeita a outra porque sabem que apesar das diferenças, são todas indígenas, mesmo diante dos conflitos presentes nestes momentos. É nesses momentos que a criança aprende a viver de forma harmoniosa com o outro.

[...] brincá é ficá nu chão impurrano carrinho [...] brincá de corrê, de balançá no cipó”. [...] Eu gosto de brincá na escola, eu brinco com Tayane, com Geisy, de pega-pega. (Aluno “B”, da pré-escola da Escola Alexina Rosa Figueredo).

Ela pode brincar onde se sinta bem, pode ter contato direto com a natureza quando brinca com a terra e as plantas. O brincar é o lazer da criança Terena, em alguns momentos do seu dia a dia, ou seja, nos momentos em que não estão na escola. O brincar da criança Terena tem muito a contribuir com o seu aprendizado, sabendo que, para os Terena da aldeia Buriti, a infância é considerada até os dez ou onze anos de idade.

Na entrevista realizada com a professora Terena Eva Fernande Bernardo, em setembro de 2014, professora da Educação Infantil, com nível superior em Pedagogia e que já trabalha há dezesseis anos em sala de aula, na escola indígena Alexina Rosa Figueredo, ela faz o seguinte comentário sobre o comportamento das crianças Terena hoje:

No meu tempo a nossa educação foi muito diferente de hoje. Hoje as crianças estão muito soltas, muitos pais acham normal, natural receber tudo com muita facilidade, tudo que vem de fora, como por exemplo: moda as música, e até mesmo as danças. Mas relacionado a criança, ela ainda brinca e aprende os saberes da nossa cultura, agora mesmo os meninos estão

brincando de dança bate-pau, então quando sair alguma festividade e eles estiverem maiores vão sentir vontade de dançar.

A criança indígena Terena não inseriu totalmente em seu contexto os brinquedos não indígenas, como carrinhos, bonecas, videogame, computador, bicicleta e outros, por mais que hoje exista uma influência muito grande da cultura não indígena dentro da comunidade. Foi observado que elas ainda preferem as brincadeiras em que tenham total liberdade, ou seja, brincadeiras como subir em árvores frutíferas, tomar banho no córrego, caçar passarinhos, brincar com fogo, brincar de construir casinhas com areia, brincar de encenar as danças tradicionais (siputrema e bate-pau), pois as suas brincadeiras estão sempre ligadas à natureza e assim sentindo-se felizes e sendo livres, as crianças Terena adquirem novos saberes culturais.

As meninas brincam sempre imitando o comportamento de sua mãe, como por exemplo, tomar mate. Durante as observações das brincadeiras, ouviu-se uma das meninas dizendo “não gosto de tomar mate sem remédio na água”. Esta é uma forma de aprender e as crianças sabem que para o mate ficar mais saudável é necessário o uso de ervas medicinais misturados na água.

Nascimento et al. (2011, p. 33) afirmam a importância das brincadeiras na vida da criança indígena:

As brincadeiras infantis têm-se mostrado de grande importância na transmissão cultural. Através delas a criança está experimentando o mundo e as reações, tendo assim elementos para desenvolver atividades sem a interação de um adulto. Entre si estabelece um lugar; identitário, material e simbólico.

Além das brincadeiras, elas também devem obedecer determinadas regras e cuidados como: não devem tomar banho no córrego sem antes observar o local, não devem brincar com fogo, porque podem “fazer xixi” na cama, não devem brincar com peixinhos (lambari), porque a criança fica sonolenta e ao entrar no mundo da mãe da água, só retornam com as rezas do koixomonety, pois eles retiram o espírito da criança e ela pode até morrer, não podem imitar os assobios (som emitido somente durante a noite segundo a crença Terena por espíritos maus de pessoas que já

morreram) dos entes sobrenaturais, porque depois ao dormir sonham com pessoas que já morreram, não devem ficar fora de casa nos horários das refeições, pois isso só acontece com crianças que já não possuem pai e mãe. A orientação das mães é sempre a seguinte: “já comeu, agora pode ir brincar”. Assim se constrói a relação comum do Terena com a criança.

Neste sentido, Tassinari (2007, p. 16) descreve a sua percepção de criança:

Esse reconhecimento de diferentes habilidades considera que crianças aprendem muito mais do que lhes ensinam. Crianças são boas em aprender, compreender além do dito e do não dito, o entendido e o subentendido, o explícito e o velado que as crianças também são responsáveis pela sua própria socialização.

Isso tem influência no futuro próximo desta criança, na sua fase adulta, pois passa a pensar que todas as coisas devem ser divididas e pensadas coletivamente e, dessa forma, constrói um pensamento de viver e trabalhar na e pela comunidade. A função de cacique é um exemplo disso, pois é um cargo que não possui remuneração alguma, apenas trabalha pela comunidade.

Mesmo que a criança indígena tenha uma ligação muito forte com a cultura indígena, também está presente a tecnologia atual, como o aparelho celular, câmera fotográfica digital, tablet e outros aparelhos eletro eletrônicos usados pela sociedade de consumo, aceitos com muita facilidade pelos indígenas, e que por outro lado estão sendo usados para divulgação dos movimentos indígenas no Estado e todos os eventos culturais na aldeia Buriti.

Portanto, é necessário compreender que mesmo antes da criança ser inserida na escola ela já possui uma educação familiar, lembrando que ela enfrenta esta nova etapa de vida, muitas vezes sem a escola estar preparada para recebê-la de acordo com a sua realidade, respeitando a sua forma de ver o mundo, respeitando a sua cultura.

Assim, para fazer um estudo sobre criança indígena, é necessário, primeiramente, compreender o mundo dela que segundo Tassinari (2007, p. 22):

Existem três ressalvas importantes quando se pretende um estudo sobre crianças indígenas. Primeiro: o reconhecimento de que estudos nessa área são poucos e incipientes. Segundo: manter distância de visões

estereotipadas do modo como os indígenas tratam a infância que, em geral, informam mais sobre a visão de infância dos não-indígenas. E em terceiro: ter clareza da impossibilidade de definição de um único modo de concepção de infância, dada a enorme diversidade sociocultural indígena.

As crianças indígenas da aldeia Buriti tem a facilidade de mexer e entender as tecnologias usadas pelos seus pais, com muita segurança, pois elas brincam com jogos e aplicativos, porém têm a liberdade de sair correndo e brincar de pega-pega.

A criança indígena Terena também assume várias identidades: ouvindo os mais velhos na roda do mate onde ela se posiciona como ouvinte, nas brincadeiras com suas aventuras, e na escola onde adota uma postura para ouvir e aprender.

Hall (2005, p. 13) ao tratar da questão da identidade afirma que essa:

É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas.

Mesmo que a criança tenha liberdade, essa ainda não é livre para fazer determinadas escolhas, como querer ou não estudar dentro de um prédio fechado (escola) e ficar várias horas de seu dia dentro de um mesmo ambiente. Portanto, acaba sendo uma liberdade regulada, a partir do momento em que ela é obrigada a frequentar a escola.

Com a chegada da escola dentro da comunidade indígena da aldeia Buriti, a educação da criança passou por várias transformações, pois não havia nenhum interesse em respeitar seus processos próprios de aprendizagem, vivenciados no cotidiano antes de frequentar a escola.

É de suma importância trazer à tona o conhecimento de mundo que a criança tem antes do contexto escolar, pois essas informações não estão inseridas nas pesquisas científicas.

No artigo “A cosmovisão e as representações das crianças kaiowá e guarani: o antes e o depois da escolarização”, Nascimento, et al. (2011, p. 23) descrevem a

importância sobre a infância da criança indígena kaiowá, de forma muito semelhante à criança Terena:

A intenção de trazer a criança indígena Kaiowá e Guarani para este espaço de reflexão tem como objetivo não só a oportunidade de colocar em aberto uma experiência acadêmica em andamento a pesquisa propriamente dita – e as suas implicações teórico- metodológicas, mas também, permite diversos olhares para um terreno que tem como última instância a prática pedagógica em contextos socioculturais particulares, assim como, dar visibilidade ao segmento infantil indígena, em especial, no que se refere aos processos próprios de aprendizagem colocados como um direito aos povos indígenas a partir da Constituição de 1988.

Assim podemos afirmar que a criança indígena Terena possui seu próprio aprendizado, mesmo antes de frequentar o ambiente escolar, mas que a partir deste momento, passa a agregar novas formas da construção de saberes, já que possui uma cultura híbrida, através da orientação da educação escolar.

Nascimento et al (2011, pg. 24) ainda explica que:

Neste sentido o “fora da escola” caracteriza-se também em espaços de tradução, resistência e hibridação cultural que possibilitam a formação de múltiplas identidades e cosmovisões, bem como, identidades múltiplas e cosmovisões multirreferenciadas.

O “fora da escola” são as vivências das crianças antes de frequentarem o ambiente, quando estará apta a receber novas formas de pensar.

Canclini (2008, p.19) entende por hibridação os “processos socioculturais nos quais estruturas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para novas estruturas, objetos e práticas”.

Mas, assim como a criança indígena Terena recebe toda orientação educacional antes de frequentar a escola, a família também a orienta para a importância dos estudos, sobre o porquê deve estudar, e assim, convencendo-a, ela passa a ter o desejo de aprender coisas novas que não fazem parte do seu contexto cultural. A partir daí constrói outra identidade, ou seja, mesmo na condição de continuar ligada aos seus saberes locais, lhe é imposta uma transformação quanto a outros saberes na sua vida.

Para Hall (2000, p. 109):

As identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter uma certa correspondência. Elas têm a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos.

Ainda hoje, quando pequena, a menina inicia-se nos afazeres domésticos, deve acordar cedo para cumprir as primeiras tarefas do dia, como arrumar a cama, varrer o terreiro - no dia anterior, ela precisa escolher o mato adequado para servir de vassoura - , lavar os utensílios domésticos, fazer as atividades escolares e, logo em seguida, tomar banho, fazer a refeição do almoço e ir para a escola. Esclareço que isso é o que acontece hoje, pois, antes, esses ensinamentos eram uma preparação para o casamento; quando casada já deveria saber os afazeres domésticos. Assim, ela deixa de viver a liberdade que tinha antes do processo escolar.

Ainda Nascimento et al. (2011, p. 32), falando sobre a criança indígena Kaiowa, afirmam que:

A criança indígena tem um papel muito importante dentro de sua sociedade particular. Reconhecer isto é assumir que ela é um ser completo em suas atribuições, é um ser ativo na construção das relações em que se engaja, sendo parte integrante da sociedade, participante e construtora de cultura. A partir de sua interação com outras crianças (brincadeiras, jogos, afazeres domésticos, caminhadas, cumprimento de rotinas) elas acabam por constituir seus próprios papéis e identidades.

Assim também é vista a criança indígena terena da aldeia Buriti, daí a importância que a escola indígena tenha professores indígenas, pois estes estão inseridos no contexto da criança Terena, sabendo que na Escola Alexina Rosa Figueredo e na Escola Natividade Alcântara Marques, da aldeia Buriti, o quadro de professores é todo constituído por indígenas Terena.

Através de muitas lutas indígenas relacionadas à educação os professores indígenas têm se preocupado com a construção dos saberes indígenas que vêm sendo feitos a partir da criança, pois lutam por uma educação diferenciada, determinada pela Constituição de 1988.

Segundo Grupioni (2001, p. 9):

Com a Constituição de 1988, assegurou-se aos índios no Brasil o direito de permanecerem índios, isto é, de permanecerem eles mesmos, com as suas línguas, culturas e tradições. Ao reconhecer que os índios poderiam utilizar suas línguas maternas e seus processos de aprendizagem na educação escolar, instituiu-se a possibilidade de a escola indígena contribuir para o processo de afirmação étnica e cultural desses povos, deixando de ser um dos principais veículos de assimilação e integração. Desde então, as leis subsequentes à Constituição que tratam da educação, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e o Plano Nacional de Educação, têm abordado o direito dos povos indígenas a uma educação diferenciada, pautada pelo uso das línguas indígenas, pela valorização dos conhecimentos e saberes milenares desses povos e pela formação dos próprios índios para atuarem como docentes em suas comunidades. Comparativamente a algumas décadas atrás, trata-se de uma verdadeira transformação em curso, que tem gerado novas práticas a partir do desenho de uma nova função social para a escola em terras indígenas.

Na atualidade, as crianças não assumem mais tarefas de adultos, como era no passado, pois sua infância era cheia de grandes responsabilidades, tais como cuidar dos irmãos mais novos, ajudar no cuidado da mãe quando no período pós-parto, cuidar do plantio da roça feita pelos pais, com grande participação dos filhos homens ainda crianças.

A maior responsabilidade era o casamento, que acontecia por escolha dos pais, tanto do noivo quanto da noiva, e a idade dos noivos geralmente era entre 11 a 13 anos. A partir deste momento, já tinham um grande compromisso, principalmente de construir grandes famílias e cuidar da educação dos futuros filhos, sabendo que mesmo assim elas ainda brincavam, tinham um tempo específico para as brincadeiras.

A anciã indígena Terena, Celina Fernandes, em sua entrevista realizada em outubro de 2014 afirma que:

Eu me lembro que no dia do meu noivado eu me escondi em cima de um pé de manga, ah, eu não queria casar. Minha mãe me chamou mais eu não desci de lá de cima do pé de manga até que o meu noivo e o pai dele fosse embora. Eu tinha onze anos de idade. Mais depois disso na outra semana ele voltou aí não teve outro jeito, tive que me casar e com doze anos de idade tive o meu primeiro filho, pra mim isso era normal. Tudo que eu mais gostava de fazer era brincar.

Esse depoimento confirma que as crianças tinham responsabilidades muito cedo, ainda na sua infância, mas hoje as crianças deixaram de assumir tais

compromissos, mas adquiriram outros, como frequentar as aulas na escola, passando a ser sua maior responsabilidade, que levam até a vida adulta.

É na infância que acontece o impacto cultural maior na vida da criança. Com a chegada da escola à comunidade indígena da aldeia Buriti, a educação da criança passou por várias transformações, pois essa instituição não tinha nenhum interesse em respeitar a educação da criança adquirida no seu cotidiano familiar.

Segundo Cruz (2008, p. 89):

Antes da escolarização, o fazer, o brincar, o viver, isto é, as ações das crianças Terena da aldeia Buriti estão vinculadas às culturas estabelecidas com seu grupo étnico. O iniciar da vida escolar provoca inquietações sobre os deslizamentos que sua identidade possa sofrer.

Na escola, vão se construindo os novos saberes e vão se ressignificando os saberes tradicionais, sendo inseridos em seu contexto novos símbolos de representações culturais, ficando na fronteira entre os conhecimentos empíricos e os ditos “universais”.

A partir do momento em que a criança Terena passa a frequentar a escola, enfrenta diversas dificuldades e por isso é necessário que as escolas indígenas estejam preparadas para recebê-las, de acordo com sua realidade, respeitando a sua forma de ver o mundo e a sua cultura.

2. A criança indígena Terena da Aldeia Buriti no processo de escolarização

Os pais acompanham seus filhos nos primeiros dias de aulas e outros durante meses, porque algumas crianças demoram a se adaptar com a escola, sendo este seu primeiro contato com a educação escolar.

A entrevista concedida pela professora indígena da pré-escola, Eva Fernando Bernardo, em julho de 2014, nos mostra os cuidados que são tomados nesse primeiro contato da criança indígena Terena com a escola.

[...] tanto para ele quanto para o professor fica difícil porque dependendo da criança ela começa chora, ela fica com medo, fica assustada e o professor tem que sabe lidar com essa criança para que ela não foge da escola, não desiste e que ela possa entrar lá dentro sala de aula. Então o professor tem que usar métodos para estar trazendo essa criança pra dentro da sala de aula até ela ir se acostumando e se familiarizando com o outro.

Com a garantia dos direitos dos povos indígenas nem sempre respeitados pela sociedade não indígena, os professores juntamente com a comunidade indígena de Buriti lutam a passos largos para a construção de uma educação diferenciada, bilíngue e de qualidade, sendo que para isso é necessário trabalhar os processos próprios de aprendizagem.

Percebeu-se que mesmo a escola valorizando os conhecimentos indígenas, ainda assim a criança não deixa de ser regulada pela própria escola, e essa continua sendo um espaço de total estranhamento para ela até o primeiro mês de aula. Por isso muitas delas demonstram este estranhamento em forma de “choro”, pois a escola para a criança Terena passa a ser um espaço totalmente controlado, onde ela perde a sua liberdade de brincar, de viver no ambiente familiar, que é um lugar de muita aprendizagem.

Para os povos indígenas a interculturalidade está longe de se fazer valer em seu sentido pleno e real da palavra, pois a sociedade não indígena não vive de fato esta interculturalidade apregoada por alguns seguimentos da comunidade acadêmica e por setores do governo.

Nesse sentido a criança indígena passa a ser apenas um indivíduo para a escola, alguém que ela possa transformar para ser também um pouco colonizadora, conforme o sistema exige, pois a criança indígena depende da escola para poder ser aceita pela sociedade não indígena, para aprender a ser um competidor no mercado de trabalho.

No fragmento da entrevista com a anciã indígena Terena, Celina Fernandes, de 64 anos de idade, em junho de 2014, ela afirma que:

as crianças têm ir para a escola para trabalhar na sombra, não ser trabalhador braçal, não ficar igual eu assim que não sabe nada, por isso que eu coloquei meus filhos na escola para aprender [...] mas a escola é muito boa.

Aqui a anciã usa as expressões “trabalhar, ter um bom emprego e ter um bom salário”, que são utilizadas pelos indígenas da Aldeia Buriti, associando-as ao tempo em que exerciam trabalho braçal. “Trabalhar na sombra” significa ter uma profissão não braçal, mesmo tendo que se tornar mais um a competir por uma vaga de emprego no mercado de trabalho, ou seja, conseguir cursar um curso de graduação na universidade e depois possuir um emprego de acordo com a área escolhida.

A escola indígena Alexina Rosa Figueredo, da Aldeia Buriti, há cinco anos atrás não possuía muros, nem quadra de esporte, bibliotecas e mesmo o número de alunos era reduzido. Com o passar do tempo, as coisas foram mudando, sabendo que o muro em volta da escola não foi feito pensando na segurança da criança ali presente, mas sim para aprisionar ainda mais a cultura indígena. Mesmo sem grades e portões, o aluno/criança não fugia para sua casa ou para outros lugares, pois a escola conseguia ter o total controle sobre elas. A quadra de esporte foi construída com grades em sua volta, para, muitas vezes controlar o público, ainda que situada dentro de um território indígena.

Bauman (2001, p. 15) descreve um pouco sobre este novo espaço, associado a um determinado tempo:

A modernidade significa muitas coisas, e sua chegada e avanço pode ser aferido utilizando-se muitos marcadores diferentes. Uma característica da vida moderna e de seu moderno entorno se impõe, no entanto, talvez como a diferença que faz a diferença, como atributo crucial que todas as demais características seguem. Esse atributo é a relação cambiante entre espaço e tempo.

De acordo com os depoimentos da comunidade a Aldeia Buriti hoje é muito importante a presença da escola na comunidade, pois é através dela que a população terá outros conhecimentos somados aos saberes indígenas, necessários para uma educação indígena diferenciada e bilíngue com qualidade.

A criança vai para a escola por conta de seus pais, que acreditam ser o “melhor” para ela. Os pais indígenas Terena acreditam plenamente que, hoje, a escola é necessária na comunidade, pois sem ela seus filhos não teriam um futuro melhor,

como podemos perceber na entrevista de Sebastiana Alcântara, da aldeia Buriti, realizada em Maio de 2014.

Aqui na nossa comunidade não dá nem prá pensa em não te escola, aí sim que os purutuy'a toma conta de nós, por isso eu falo nós precisa de escola mesmo, não quero que meus filho fica sem escola iguar i eu, que num sei lê nem inscreve, num estudei.

Hoje fica sob a responsabilidade dos professores indígenas da Aldeia Buriti a luta para que os saberes locais possam e devem estar articulados com os outros saberes. O fato de os professores que atuam nesta escola serem, em sua maioria, indígenas, tem feito com que os saberes culturais étnicos estejam inseridos na grade curricular da escola, portanto, é neste momento que se inicia a educação diferenciada.

Ao analisar a presença das crianças na escola, especificamente no início do ano letivo, observou-se que muitos pais queriam matricular seus filhos antes mesmo de completar quatro anos de idade. Nesses casos, a escola não aceita matricular a criança, mas acaba deixando-a entrar em sala de aula para ir se socializando e familiarizando com o ambiente escolar e geralmente isso acontece com crianças que têm irmão ou irmã matriculado na escola.

Na maioria das vezes, os alunos da pré-escola acabam indo para casa, espontaneamente, ainda em horário de aula: levantam de sua carteira, pegam seu material escolar e saem da sala, mas os professores sempre comunicam a direção, pois a escola é responsável pelos alunos até o encerramento do período.

Ao observar diretamente o comportamento da criança nos seus primeiros dias de aula, percebeu-se que os desafios são muitos, como o fato da criança já estar indo para a escola com quatro anos de idade e assim ser separada do convívio familiar numa idade que não faz parte da cultura dos Terena e com isso deixam de serem crianças livres para poder brincar nos momentos que desejarem e passam a ter muitas responsabilidades.

Convém esclarecer que a Educação Infantil é opcional, cabendo a cada comunidade indígena decidir pela sua implantação ou não na comunidade e a Resolução nº 5, do Conselho Nacional de Educação, de 17 de dezembro de 2009 (BRASIL, 2009, p. 03), estabelece:

§ 2º Garantida a autonomia dos povos indígenas na escolha dos modos de educação de suas crianças de 0 a 5 anos de idade, as propostas pedagógicas para os povos que optarem pela Educação Infantil devem: I - proporcionar uma relação viva com os conhecimentos, crenças, valores, concepções de mundo e as memórias de seu povo; II - reafirmar a identidade étnica e a língua materna como elementos de constituição das crianças; III - dar continuidade à educação tradicional oferecida na família e articular-se às práticas sócio-culturais de educação e cuidado coletivos da comunidade; IV - adequar calendário, agrupamentos etários e organização de tempos, atividades e ambientes de modo a atender as demandas de cada povo indígena.

Pela norma acima, fica claro que a Educação Infantil aos quatro anos de idade não é obrigatória nas comunidades indígenas e será implantada somente com a aceitação da comunidade local.

A escola na Aldeia Buriú tem buscado cuidar da criança a partir da lógica indígena, sabendo que mesmo que esteja dentro do território indígena, ela foi pensada e feita para não indígenas e somente agora os professores estão tentando fazer esta conversão para uma escola indígena.

Na entrevista com a mãe indígena Terena, Daniele Alcântara em setembro de 2014, a mesma afirma:

Pra mim a maior dificuldade é de interagir com outros alunos porque o único grupo social que ele faz, assim que tem muita gente né é na igreja, mas na escola ele vai tá numa sala fechada com outras crianças e uma única pessoa sendo o professor pra dá atenção, dá assistência, no caso em casa ele tem eu e o pai pra dá atenção pra ele [...] ele vai tê que apreende a come sozinho né, eu não vou tá perto prá vigiá, quando eu num do prá ele, quando ele come sozinho, eu tô olhando ele, a gente tem medo do filho, engasgá, afogá, dependendo da comida.

No momento em que a criança chega à escola, ela tem um estranhamento, começando pelo espaço escolar, além da dificuldade de interação com as outras crianças, e também a dificuldade de compreender que só terá uma única pessoa para atender a todos os alunos, sendo que em casa ela tem até quatro pessoas para cuidar dela, os avós e os pais.

Na escola, ela é obrigada a comer sozinha, sem ninguém da família, pois após a primeira semana de aula a maioria das mães não acompanham mais seus filhos e é nesse momento que a criança se sente abandonada pela família, onde muitas delas

choram, outras querem sempre estar fora de sala de aula, possivelmente para se sentirem livres.

Na escola aprendem a ser individualistas onde cada aluno passa a ter o seu caderno, a sua carteira, o seu lugar, ou seja, deixam de pensar no coletivo e com isso o local que eles mais gostam de ficar é no bebedouro, que se localiza no corredor da escola.

Durante a entrevista realizada com o ancião indígena Terena, Jucelino Bernardo Figueredo, da comunidade local, em setembro de 2014, foi perguntado quais eram os maiores desafios que ele enfrentou no começo da escola, e ele relata:

Pra mim era ter que ir obrigado pela minha mãe para um lugar onde eu ficava lá fechado e não podia sair para brincar, correr, nós não podia nem conversá, prá você vê, a gente ficava de castigo se a professora pegasse o aluno ensinando o outro, ficava de joelho em cima de grão de milho.

Através desta entrevista, vê-se que em comparação com a criança Terena de hoje, já houve algumas mudanças, pois diversas crianças sentem vontade de ir para a escola, mesmo antes de completar quatro anos de idade, sem conhecer o sistema da educação escolar.

Hoje os desafios continuam quase os mesmos e eles estão lá esperando para serem superados pela criança e para que sejam superados é necessário que a escola esteja preparada para receber as crianças de maneira acolhedora, recepcionando-as juntamente com seus pais.

Como a escola é o local de novas aprendizagens e de articulações com outros saberes, isso leva os pais a matricular seus filhos com quatro anos de idade, mesmo sabendo que no convívio familiar eles aprendem muito mais sobre a vida e a cultura de seu povo, através dos processos próprios de aprendizagem.

Cruz (2008, p. 155) afirma o seguinte sobre o convívio familiar da aldeia Buriti:

Vale lembrar que a família na aldeia Buriti tem uma função muito importante na educação das crianças, especialmente as mães e os laços afetivos que são construídos. Esta família, que hoje já não é mais numerosa, é a principal responsável pela formação cultural, afetiva e pelas iniciativas para o trabalho. As crianças aprendem os costumes Terena compartilhados na aldeia.

Até mesmo as metodologias utilizadas pelos professores indígenas da escola Alexina Rosa Figueredo, devido ao processo de branqueamento pelos quais passaram e ainda passam, são bastante engessadas dentro das normas das escolas não indígenas, e portanto, são pouco interessante para as crianças da aldeia, sabendo que muitos professoras ainda não conseguiram sair com as crianças para fora da sala de aula, fazendo com que a criança se sinta mais segura e confortável, até mesmo com a sensação de terem a mesma liberdade que os pais e familiares oferecem.

Ficam aqui muitas indagações: Qual é o tempo certo da criança indígena Terena da Aldeia Buriti ir para a escola? Será que ela aprende mais em casa no convívio familiar do que na escola? Como as famílias deveriam preparar as crianças para a sua ida a escola? Qual o método indígena de ensinar? Os professores dão sequência às formas de ensinar os saberes indígenas Terena à criança? Espaço fértil para futuras pesquisas.

Considerações Finais

Com a luta pela garantia dos direitos dos povos indígenas, os professores juntamente com a comunidade indígena Terena da Aldeia Buriti lutam a passos largos para a construção de uma educação escolar indígena diferenciada, bilíngue e de qualidade, e compreendem que é necessário fortalecer os conhecimentos de seu povo através dos processos próprios de aprendizagem.

Foi possível entender que através dos movimentos indígenas relacionados à luta pela terra e por uma educação escolar indígena de fato, a escola poderá avançar e se consolidar como uma escola indígena específica, diferenciada, bilíngue, intercultural e comunitária, voltada para o atendimento dos interesses reais dos povos indígenas em todas suas dimensões e em específico nas escolas indígenas Terena da Aldeia Buriti.

Espera-se que as crianças da Aldeia Buriti possam frequentar a escola a partir de outra perspectiva, ainda como indígenas, sabendo que hoje mesmo com muita

dificuldade a escola é um espaço de fortalecimento da identidade Terena, dos saberes indígenas que ainda não se conhece.

A escola tem buscando também ser um local de continuidade e valorização dos saberes locais, bem como dos valores da cultura não indígena, num esforço de buscar a construção de uma escola onde o processo educativo se de coletivamente, onde professores, alunos e comunidade, e em especial com a participação dos anciãos da comunidade, sejam os responsáveis pela construção de um modelo de escola que seja mais indígena e menos interventora dentro da aldeia.

Também esperamos que os professores indígenas possam compreender que o fato de a escola estar na comunidade indígena não a torna indígena, mas que possam fazer uma reflexão pedagógica, didática e metodológica para torná-la indígena de fato, deixando de lado o engessamento presente a todo o momento nas práticas escolares, e assim os primeiros contatos da criança Terena da Aldeia Buriti com a escola possa ser menos desafiador para ela e para os professores.

Observa-se que a maioria das crianças indígenas da Aldeia Buriti gosta de ir para a escola, pois essa também se tornou um lugar seguro, como em sua casa. Mesmo com maior presença e influência dos pais na escola, eles ainda não perceberam que, se a criança indígena vai para a escola aos quatro anos, ela perde muito do contato direto com a família, deixando de aprender e vivenciar muitas coisas importantes de seu sistema cultural.

A certeza que os pais das crianças indígenas possuem é de inserir seus filhos na escola para que tenham novas aprendizagens sobre seus direitos, para não mais serem inferiorizados pela sociedade envolvente, de acordo com o contexto histórico dos povos indígenas em todo o Brasil.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Edit., 2001

BRASIL. **Parecer/CEB nº 14**. Brasília, DF: MEC/CNE,1999.

- BRASIL. **Parecer/CEB nº 13**. Brasília, DF: MEC/CNE, 2012
- BRASIL. **Referencial curricular nacional para as escolas indígenas**. Brasília: MEC/SEF, 1998
- BRASIL. **Resolução CNE/CEB nº 5 de 17 de Dezembro de 2009**. In: Diário Oficial da União. Brasília, DF, 18 de dez. Seção 1, p. 18, 2009
- BRASIL. **Resultados e Metas. Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB)**. Brasília: MEC/INEP. Disponível em: www.provaBrasil.inep.gov.br/o-ideb>Acessado em 07 de out. 2014
- BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, SECADI, SEPT, CNE, CNEB, DICE, 2013
- BRASIL. **Censo Saúde Indígena**. Brasília: Ministério da Saúde. Fundação Nacional de Saúde, 2011
- BRASIL. **Procuradoria da República em Mato Grosso do Sul**. Brasília: Ministério Público da União. Ministério Público Federal (MPF). Disponível em: www.prms.mpf.mp.br/servicos/sala-de-imprensa/noticias>Acessado em 31 de jan. 2015
- BROSTOLIN, M. R.; CRUZ, S. de F. Crianças Terena – algumas considerações a respeito de suas representações identitárias e culturais. In: NASCIMENTO, A. C. et al. (Org.). **Criança Indígena: diversidade cultural, educação e representações sociais**. Brasília: Liber Livro, 2011. p.157-179
- CRUZ, Simone Figueiredo. **A criança Terena: o diálogo entre a educação indígena e a educação escolar na aldeia Buriti**. Dissertação (Mestrado em Educação). Campo Grande: UCDB, 2008
- GRUPIONI, Luís Donisete. **As leis e a educação escolar indígena: Programa Parâmetros em Ação de Educação Escolar Indígena**. Brasília: MEC, SEF, 2001.
- HALL, Stuart. **A identidade cultura na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In.: SILVA, Tomaz Tadeu (org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000

LÉVI-STRAUSS, C. **Como nasce um etnógrafo**. In: Tristes Trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 2005

NASCIMENTO, Adir Casaro et al. A cosmovisão e as representações das crianças kaiowá e guarani: o antes e o depois da escolarização. In: NASCIMENTO, A. C. et al. (Org.). **Criança indígena: diversidade cultural, educação e representações sociais**. Brasília: Liber Livro. 2011

TASSINARI, Antonella Maria Imperatriz. **Concepções indígenas de infância no Brasil**. In: Revista Tellus, ano 7, nº. 13, outubro. Campo Grande: UCDB, 2007